O HOJE COMO EPISÓDIO DE BLACK MIRROR:

Mariana Elizabeth Ceris Burtett GUDINO[1], Ismael ILADIN[1], Dra. Valdeci Batista de Melo OLIVEIRA[2]

[1]Mestrando do Programa de Pós-Graduação de Letras
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – *Campus* Cascavel
Cascavel – Paraná - Brasil

[2] Docente do Programa de Pós-Graduação de Letras
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – *Campus* Cascavel
Cascavel – Paraná - Brasil

E-mails: mecbgudino@gmail.com, ismael.iladin@escola.pr.gov.br, valzinha.mello@hotmail.com

Resumo: *Nos últimos anos, progressivamente, a vida da sociedade contemporânea ocidental acontece nos palcos virtuais. Novas tecnologias são lançadas e incorporadas anualmente no mercado, muitas vezes tornando-nos seus dependentes. Daí a importância da série de alto alcance e grande sucesso Black Mirror, pois ao apresentar possíveis efeitos colaterais desse novo estilo de vida, por meio de narrativas envolventes e impactantes, contribui para disseminar e fomentar reflexões e discussões dentre seus inúmeros espectadores. Este trabalho tem como objetivo traçar paralelos entre os dramas apresentados nos episódios e em teorias atuais sobre a sociedade em que estamos inseridos. Para atingirmos esse objetivo, fizemos uso principalmente das reflexões teóricas versadas por dois filósofos: Byung Chul Han e Christoph Turcke. Ao final, concluímos que a série presta um serviço social ao fomentar discussões importantes acerca das nossas futuras experiências com relação às tecnologias.*

Palavras-chave: *Black mirror; distopias digitais; sociedade excitada;*

INTRODUÇÃO

Segundo o criador da série britânica, Charles Brooke, o nome Black Mirror faz eferência ao “espelho negro” que pode ser encontrado em qualquer lugar: a tela fria de uma TV, monitor ou um smartphone (LEE, 2016). Os episódios não seguem uma narrativa linear, mas as semelhanças na tecnologia usada conferem pistas ao telespectador de que todas as histórias acontecem em um mesmo lapso temporal. Em Black Mirror, a tecnologia semelhante a contemporânea nos leva a acreditar que os episódios se desenrolam em um futuro não tão distante.

A série conquistou fãs internacionais quando foi incorporada à plataforma de transmissão online Netflix em 2014. É bastante aclamada pela crítica (SHARF, 2020) em razão de apresentar, criativa e sagazmente, os efeitos colaterais da dependência humana

relativa à tecnologia. Retrata, de maneira provocativa, a sociedade do espetáculo e prende telespectadores em debates acalorados por permitir janelas de interpretações e teorias (im)prováveis. O grande trunfo de Black Mirror consiste em apresentar possíveis efeitos colaterais do uso da tecnologia em nossas vidas. Assim, para o desenvolvimento deste trabalho, analisaremos dois episódios de Black Mirror: Be Right Back e Nosedive, que representam, pari passu, distopias fomentadas por futuros dispositivos tecnológicos. Desse modo, eles serão articulados às teorias a fim de ilustrarmos os conceitos desenvolvidos ou denunciados por Byung-Chul Han e Christoph Turcke ao observarem a sociedade contemporânea.

METODOLOGIA

O presente trabalho nasceu de certas inquietações ao assistirmos a alguns episódios da série Black Mirror, os quais coadunam com as experiências contemporâneas, tendo em vista a onipresença das tecnologias e o mundo virtual no cotidiano das pessoas, sejam elas anônimas ou públicas. Essa relação substancial entre sociedade e tecnologia (ou redes sociais), é o ponto nevrálgico de nosso objeto de estudo. Com base nos elementos, ora coletados, nos propusemos analisá-los à luz de algumas teorias que, em tese, poderiam ir ao encontro de nossas discussões acerca das preocupações sociais evocadas pela tecnologia. Procuramos, assim, relacioná-las ao debate atual sobre ética, privacidade e os impactos das tecnologias na sociedade e no comportamento dos indivíduos que delas fazem uso.

FUNDEMENTAÇÃO TEÓRICA, ANÁLISE E DISCUSSÃO

Byung-Chul Han (2015) discorre sobre a sociedade positiva em que vivemos, na qual não há espaço para o negativo, mas tão somente à positividade, à produtividade e à informação. Em Black Mirror, no primeiro episódio da segunda temporada, Be Right Back, nos deparamos com a dificuldade dos personagens em lidar com o luto e o vazio. No início do episódio, somos apresentados aos personagens Martha e Ash. Na primeira cena, observamos Martha voltando da conveniência com dois cafés e Ash distraído, utilizando seu celular. Antes de seguirem viagem, Martha impera “porta-luvas” e com base nessa simples ordem podemos perceber o quão regular deva ser a exigência para que o celular seja mantido no porta-luvas quando Ash dirige.

Por não seguir uma sequência exata, cada episódio tem apenas cerca de 50 minutos para apresentar o enredo, os personagens e seus conflitos. Para cumprir essa missão, cada cena precisa ser carregada de sentido e significado. Em Sociedade Excitada, Turcke (2010) explica como os diretores e produtores de comerciais audiovisuais dominaram a técnica de explorar as sensações de forma intensiva, já que possuem pouco tempo de duração e precisam impactar o telespectador nesse curto espaço de tempo. Black Mirror vale-se desse mecanismo, o que torna cada cena um terreno fértil para o espectador. Esse recurso fílmico, aliás, é algo recorrente na arte cinematográfica, cujos autores exploram todo os componentes possíveis para envolver o espectador, tais como a trilha sonora e o tempo decorrido (TARKOVSKI, 1990).

Essa relação íntima e triádica entre tempo, espaço e memória consiste em um nascedouro imagético para o espectador, consolidando a premissa estética do cinema, assentada na ideia da diluição do tempo cronológico - por natureza, inflexível e unidirecional - em favor de um tempo esculpido pelas percepções e sensações do espectador ante os arranjos dos recursos audiovisuais.

A ordem de Martha fornece pistas da possível causa do acidente fatal de Ash, uma vez que, na última cena em vida, ele está ao celular. Somando isso ao caráter distraído do personagem, como alguém engajado na emissão e na recepção dos estímulos provenientes das redes sociais, associamos a distração causada pelo dispositivo como possível desencadeador de sua morte.

A partir desse cenário, o aparelho telefônico reveste-se de outros valores simbólicos: agora, não se trata apenas de um smartphone, mas de um objeto por meio do qual as pessoas se conectam - via redes sociais - e que pode trazer reveses na vida cotidiana, podendo ser, como foi o caso de Ash, um vetor para fatalidades automobilísticas. Ou seja, o smartphone transcende sua serventia convencional e passa a ter um valor emocional, visto que esse objeto é avaliado, modernamente, mais pelo seu valor simbólico e menos pelo seu valor de uso, tal como afere Marx (2017) ao discorrer sobre a fetichização da mercadoria, imersa nos subjetivismos.

Nas cenas seguintes ao óbito de Ash, podemos observar a personagem Sarah oferecendo à Martha um serviço online que promete ajudá-la com o luto, cujo falecido seria o candidato perfeito por conta de sua assiduidade nas redes sociais. Inicialmente,

percebemos a indignação de Martha ante à sua resposta agressiva. Mas, em razão do luto e da ausência de Ash, a protagonista se rende ao serviço.

Vale assinalar que a adesão às ofertas do serviço acontece de forma gradativa: primeiro ela lê e responde ao e-mail emitido pelo software que simula ser Ash com base em tudo o que ele publicara na internet. Depois, engaja-se em chamadas telefônicas e, o mais impactante, encomenda um corpo semelhante ao de Ash para que o software possa operar no mundo físico. O comportamento de aceitação em relação aos serviços oferecidos obedece a uma escala, à proporção que o software vai ganhando a confiança de Martha e, aos poucos, vai oferecendo os próximos níveis dessa experiência. O próprio programa computacional adverte antes de apresentar a opção do corpo "Você está sentada? Isso pode soar um pouco estranho".

Turcke (2010) fala sobre a busca pela sensação que ocorre numa via de mão dupla: ao emitirmos estímulos através dos compartilhamentos, somos impelidos pelo desejo de sermos percebidos e, paradoxalmente, alimentamos as redes sociais, aumentando a torrente de informação que leva outras pessoas, também impelidas pelo mesmo desejo, a emitirem mais estímulos que, consequentemente, estimulam nossas percepções. A concorrência reiterada nas redes sociais leva, segundo o autor (2019), a um grande potencial de distração, "um tipo de percepção que não mais sente a si própria como tal, porque está à disposição, não pode mais envolver-se com nada sem reservas, está sempre mirando de soslaio para outras coisas" (TURCKE, 2010, p. 70).

Ou seja, trata-se de um microcosmo social em que os comportamentos são mimetizados por meio das postagens, transformando-se em um ambiente virtual que refrata integralmente o indivíduo, sejam aspectos espirituais ou de personalidade. Daí por que o software ter conquistado, gradativamente, a confiança de Martha: Ash, em razão de sua presença inequívoca nas redes, contribuiu para deixar suas marcas subjetivas.

O autor Richard Schechner (2023) advoga que performance está onipresente em vários contextos de interação. Ele exorta que é possível conceber performance (1) baseado nos comportamentos cotidianos que afloram naturalmente; (2) ou nas ações que estão correntemente em fluxo, modificando-se constantemente ao sabor do contexto temporal e espacial. Finalmente,

(3) nos estudos que se debruçam sobre a performance, na tentativa de compreender seu universo.

Assim, parece-nos que o software procura essa última via, apontada por Schechner, ao explorar as pegadas virtuais de Ash, e, a partir delas, reconstruir as peculiaridades da personagem. Ou seja, apesar de a performance ser algo inerentemente humano e social, ela pode ser reproduzida artificialmente, desde que a IA (inteligência artificial) seja alimentada com nossos comportamentos performáticos. Nesse sentido, não há como descolar a performance das sociedades. Em última análise, as performances marcam identidades, contam estórias e servem como um instrumento de apreensão de comportamentos culturais, subterfúgio este explorado pelo *software*.

Outro episódio que exemplifica muito bem o conceito da busca por sensação é Nosedive. O primeiro episódio da terceira temporada é marcante por apresentar uma realidade familiar, já que há similaridades entre o mecanismo do episódio com aplicativos atuais. E, assim como avaliamos motoristas de aplicativos, em Nosedive, as pessoas, após cada interação, são constantemente apreciadas com atribuições de 0 a 5 estrelas.

O mecanismo de Nosedive funciona como uma rede social, em que as pessoas se avaliam mutuamente, cuja nota é o parâmetro para o tratamento das pessoas e dos privilégios que elas usufruirão. Nossa protagonista é Lacie Pound, uma jovem mulher que começa a série com 4.2 de pontuação. Uma cena simbólica reside na simples aquisição de um café, cuja maior preocupação da heroína está em postar uma foto da bebida com o biscoito levemente mordido; uma falsa mordida, diga-se, já que ela não ingere o pedaço do alimento. Sua expressão de desgosto revela a experiência negativa que teve com a bebida. Por outro lado, o rosto iluminase com um sorriso à proporção que as avaliações positivas chegam em resposta à foto compartilhada. Para Lacie, os alimentos deixam de seduzir menos pela sensação que promovem e mais pelo engajamento, gerado por ele, nas redes sociais. Torna-se, pois, mais importante nutrir a vida virtual do que sua própria condição biológica.

No livro *Não coisas: Reviravoltas do mundo da vida*, Han (2022) discorre sobre como os objetos são pontos de estabilidade na vida na medida em que lhe dão continuidade. Para ele, a matéria viva e sua história conferem ao objeto uma presença que ativa todo o seu entorno. Porém, a ordem digital vigente desobjetifica o mundo, tornando-o informação. Não são mais os objetos, mas informações que governam o mundo vivo. “Não habitamos mais o céu e a terra, mas a nuvem e o Google Earth. O mundo está se tornando progressivamente intocável, nebuloso e fantasmagórico” (Borcherdt, 2021).

O contrato de aluguel de Lacie está findando, e para conseguir morar em um condomínio sem o irmão, ela precisaria ser melhor remunerada ou atingir a pontuação de 4.5, já que para os membros dessa classe há um desconto de 20%. Aparentemente, para Lacie, é mais fácil aumentar sua pontuação do que o salário, então ela procura um especialista na rede social.

Podemos estabelecer a seguinte analogia: com a pandemia da covid-19, aumentou a migração de micro e pequenos empreendedores para o digital (JORNAL NACIONAL, 2020) e, com isso, surgiram profissionais especializados em marketing digital que oferecem seus serviços a pessoas e empresas que almejam melhorar suas performances nas redes sociais. Tais profissionais dedicam-se ao estudo dos algoritmos das redes sociais para que, assim, possam cobrar pelos seus serviços, com a promessa de aumentar o número de seguidores, o engajamento e a entrega de conteúdo relevante (MONTEIRO, 2018).

Na série, Lacie recebe a previsão de que, se mantiver o mesmo nível de engajamento, em 18 meses atingirá a nota desejada. Essa previsão, porém, não a anima, porque ela precisa urgentemente da nova pontuação. Esse comportamento imediatista é outro efeito colateral da torrente de informações à qual somos submetidos. Desse fenômeno, origina-se a expressão
"cultura do imediatismo", creditada ao professor Douglas Rushkoff (2013), o qual observa que ela nasce da expansão digital e consolida-se nela.

Decidida a conseguir a nota necessária, Lacie forja interações e avaliações das pessoas ao redor, que, ao perceberem sua intenção, a avaliam de forma mais baixa que o habitual. Sua esperança volta a reacender quando uma amiga de infância, Naomi, de nota 4.8, convida-a para ser madrinha de casamento. A oportunidade de se socializar com pessoas com nota acima de 4.5 transforma o casamento na mola propulsora de que a protagonista necessita.

Na data da viagem para o evento, após uma discussão com o irmão, Lacie perde o transporte por aplicativo que a levaria ao aeroporto e recebe avaliação negativa do motorista. Ao chegar no aeroporto atrasada, não consegue embarcar em outro voo, pois sua nota decaíra: apenas pessoas a partir de 4.2 poderiam ter acesso ao serviço.

No século XX, o filósofo Michel Foucault (1987) popularizou o conceito do olhar panóptico ao demonstrar que essa estratégia de controle é utilizada em várias instituições para garantir a docilidade e a obediência das pessoas a partir dos efeitos da vigilância. No

século XXI, Han (2017) alerta para a era da hiper vigilância contemporânea. Todos temos câmeras à disposição e conectadas à rede. Nos tornamos nossos próprios vigias e nossos próprios detentos, pois não só entregamos nossas informações de maneira deliberada na rede, mas também fiscalizamos e avaliamos os conteúdos alheios.

Sob a égide neoliberal da liberdade de escolha individual, somos seduzidos a aderir o estilo de vida dependente das redes de internet, principalmente através das mídias sociais. Em Nosedive, Lacie se compromete com o projeto de aumentar sua pontuação e engaja-se em uma busca constante de superar a si mesma: vemos a protagonista, célere, empenhada na promoção das relações interpessoais. Em *Sociedade do Cansaço*, Han (2015) discorre sobre como nos exaurimos na busca constante pela autossuperação e pela excelência. Conflito nocivo, uma vez que, segundo o autor, quando lutamos contra nós mesmos, há uma autodestruição. Somos cativos, explorados por nós mesmos.

Foucault (1987) denunciou a possibilidade de o saber médico ser explorado como discurso de poder. Ao restringir o problema ao individual, deve-se sedá-lo, hospitalizá-lo e talvez mantê-lo internado. Mas não se contesta a dinâmica relacional vigente na sociedade, que pode estar contribuindo para o adoecimento individual. Han (2010) fala sobre a síndrome de Burnout, uma espécie de esgotamento psicoemocional, que é tratada como um problema individual, mas cuja origem está na relação de nós mesmos com os outros. É nítido perceber algumas destas manifestações em Lacie. Quando, por exemplo, ela decide dirigir por nove horas ininterruptamente para chegar a tempo ao casamento, ela está forçando seus limites físicos, aspirando à sonhada pontuação.

Após uma série de desventuras e avaliações negativas, ela se encontra sozinha e sem perspectiva de alcançar o evento. Entretanto, em um posto, uma caminhoneira oferece carona. Lacie aceita e, ao longo da viagem, contemplamos um diálogo por meio do qual tomamos ciência da nota 4.6 da motorista.

Ela conta sobre a desigualdade do sistema de avaliações e, ainda que ela tivesse dedicado anos para isso, quando seu marido adoeceu, ele teve seu leito concedido a outra pessoa com pontuação levemente maior. Eis o sistema de pontuação definindo o valor da vida humana.

A morte do marido foi o estopim para a motorista e, desde então, ela alega viver sem basear suas experiências e seu valor no sistema de avaliações. E quando nossa protagonista invade o casamento – pois havia sido impedida de ir ao evento por conta de sua pontuação

– assistimos à verdadeira performance de um indivíduo exausto, talvez até sofrendo de Burnout. O discurso é desorganizado, ora mantendo-se no roteiro de suas práticas quando buscava as avaliações positivas, ora expressando raiva contra a amiga de infância que, na verdade, explorava Lacie para se sentir melhor, sem se importar com seus sentimentos.

Para Han (2015), estamos vivendo numa sociedade positiva, cujo imperativo consiste na afirmação de que somos capazes de ações e posse ilimitadas, desde que trabalhemos bem e constantemente. Trata-se, pois, de valorar nossa capacidade de produção, só que, ao invés de uma imposição de autoridade externa, somos nós mesmos os autores desta cobrança. Cenário fértil para desenvolvermos a síndrome do esgotamento profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando Martha adere ao software para não ter de lidar com a dor da perda, podemos inferir que ela também menospreza essa experiência transformadora, que é o encontro com a morte. Ao ser expulsa da festa, Lacie grita que sempre quisera ser Naomie, que a ama. Han (2021) fala do smartphone como o novo rosário, por meio do qual fazemos nossas confissões, já que compartilhamos de modo irrepreensível. Seriam as imagens daqueles que admiramos e até mesmo invejamos nossos novos alvos de adoração? Ao final desse episódio, em um espaço similar a presídio, ela faz seu primeiro contato autêntico com outro detento ao insultarem-se mutuamente. Trata-se, pois, da experiência autêntica como sendo o fio condutor da relação interpessoal.

Com o advento das redes sociais digitais, há certa dependência em nos sentirmos amados através de curtidas e comentários, o que pode acarretar sequelas na vida real, visto que nos (preo)ocupamos em estabelecer relações virtuais, obnubilando aquelas que nos mantêm de fato conectados: as relações reais. Os engajamentos cibernéticos tendem a nos preencher momentaneamente, mas a longo prazo acabam aumentando as chances de adoecimento.

Com isso, a série nos oferece a reflexão de que as redes sociais concorrem para a promoção das relações humanas. Porém, é importante refletirmos sobre seu uso irrefreável, pois, além de adoecimentos, pode também ser um instrumento que esvazia o sujeito em relação ao seu progresso e caminho ideais, além de ser uma potencial ferramenta para a manutenção dos discursos de poder.

A série Black Mirror consolida seu protagonismo ao trazer, para o espectador, dilemas muito mais próximos do que gostaríamos. Ao apresentar, por meio de narrativas e personagens passíveis de identificação, a série cumpre um papel social fundamental: o de estimular reflexões acerca das tecnologias e das mídias digitais que podem definir nossas futuras experiências.

Afinal, estamos utilizando as redes sociais como instrumento de comunicação ou aprovação? Ainda, a série nos alerta sobre a necessidade de utilizarmos as tecnologias, no trato com o outro, com prudência e sensibilidade, sem perseguir um poder irreal, que pode, inclusive, influenciar negativamente outras vidas. Além disso, vale ressaltar que o uso das redes sociais pode também se tornar assertivo, impactando positivamente outros indivíduos, desde que sejam utilizadas de maneira consciente.

REFERÊNCIAS

BORCHERDT, G. *ArtReview. Byung-Chul Han: How Objects Lost their Magic*. Publicado em 11/08/2021. Disponível em: https://artreview.com/byung-chul-han-how-bjectslosttheir-magic/ Acesso em 10. Out. 2021.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

HAN, B. *Sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

._____. *No Enxame: perspectivas do digital*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2018.

._____. *Não coisas: Reviravoltas do mundo da vida*. Tradução Rafael Rodrigues Garcia. Petrópolis: Vozes, 2022.

JORNAL NACIONAL. G1. *Pandemia apressa migração de micro e pequenos empreendedores para o digital*. Publicado em 21/12/2020 22h39. Disponível em: < https://g1.globo.com/jornalnacional/noticia/2020/12/21/pandemia-apressa-migracaodemicro-e-pequenosempreendedores-para-o-digital.ghtml> Acesso em 10. Out. 2021.

MARX, K. *O Capital* – Livro III – O Processo Global da Produção Capitalista. Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2017.

LEE, B. The Guardian. *Black Mirror review – Charlie Brooker's splashy new series is still a sinister marvel*. Publicado em 16/09/2016. Disponível em <

https://www.theguardian.com/tvand-radio/2016/sep/16/black-mirrorfirstbookreviewcharlie-brooker > Acesso em: 10.out.2021.

MONTEIRO, L. Estado de Minas: Emprego. *Profissionais especializados em mídias sociais são disputados pelo mercado*. Publicado em 29/01/2018 14h58. Disponível em: Acesso em 10. Out. 2021.

RUSHKOFF, D. *Present Shock: When Everything Happens Now*. Current. 2013.
SCHECHNER, R. 2006. *O que é performance? in Performance studies: a introduccion, second edition.* New York & London: Routledge, p. 28-51. Tradução de I. R. Almeida, 2011.

SCHARF, Z. *Is 'Black Mirror' Emmy Dominance Over? Series Booted From 2020 TV Movie Race.* In IndieWire. Publicado em 15 de maio de 2023. Disponível em: https://www.indiewire.com/awards/industry/black-mirror-booted-emmys-tv-moviecategory1202231500/ Acesso em 17 de agosto de 2023

TARKOVSKI, A. *Esculpir o tempo*. São Paulo: Martins Fontes, 1990. TURCKE, C. Sociedade Excitada: filosofia da sensação. / tradutores: Antonio A. S, Zuin... [et al.] – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.